

FÓRUM NACIONAL Armínio defende redução de impostos sobre serviços financeiros e diz que a meta é inflação baixa com desenvolvimento

BC continuará baixando taxas de juros

CRISTINA BORGES

O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, disse que é favorável à redução da carga tributária sobre a intermediação financeira. "Inibe o poupador e impõe custos ao setor produtivo", opinou. Em palestra na abertura do XI Fórum Nacional de Altos Estudos, ontem, no Rio, Fraga revelou disposição de continuar a cortar as taxas de juros à medida que identificar uma "virada" na política fiscal.

Fraga falou sobre o papel do BC em colaboração com o Ministério da Fazenda para criar um ambiente econômico estável e previsível. Reafirmou a tendência de queda de taxas de juro real que, aliada à adoção das metas inflacionárias e do novo regime cambial, se associam ao novo sistema de metas inflacionárias a ser anunciado no fim de junho. Esse novo sistema, disse, será capaz de atingir o objetivo de inflação baixa e ordenar expectativas econômicas para manter estável o mercado.

As palavras do presidente do BC soaram bem para uma platéia selecionada e repleta de políticos, empresários e banqueiros, interessados nos debates sobre o tema básico do XI Fórum Nacional: *A crise mundial e a nova agenda de crescimento*, que se realiza no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) até quinta-feira.

Bolhas financeiras – Fraga destacou que o grande desafio do BC, neste momento, é para atender às expectativas da sociedade por transparência. Na sua opinião, o crescimento vem com a formação de poupança e austeridade do governo para não gastar mais do que arrecada. Na escala de prioridades, o BC coloca em segunda linha de atuação o aperfeiçoamento da regulamentação e de ferramentas de supervisão.

A idéia é de uma atuação preventiva da autoridade monetária, que permita perceber os sinais de problemas em alguma instituição financeira. Fraga adiantou que estão sendo estudados mecanismos para evitar a reprodução no Brasil de "bolhas financeiras" ocorridas em outros países, devido à alavancagem exagerada de fundos de investimento.

"O Brasil está num momento favorável para ingressar num ciclo de desenvolvimento econômico. O grau de alavancagem é bem limitado, o que explica, em parte, a reação rápida à crise cambial", destacou Fraga. Com base no avanço de 1,02% do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro trimestre deste ano, ele prevê a continuidade do crescimento da economia até junho, antecipando as estimativas de melhoria só a partir do segundo semestre.